

De McLuhan a McLuhan: O Pensamento de Gary Genosko (Parte I)

JULIO LUCCHESI MORAES (*)

O presente artigo dá continuidade à série de reflexões sobre pensadores canadenses em suas contribuições (diretas ou oblíquas) a debates econômicos contemporâneos. Neste mês deteremo-nos sobre aquele que é possivelmente a maior e mais controversa figura intelectual do país: o teórico das mídias e estrela primeira da Escola de Comunicação de Toronto, Marshall McLuhan (1911-1980).

A proposta, num primeiro momento, parece descabida dada a reconhecida ausência (para não dizer deliberada *apatia*) por parte do autor em se engajar com qualquer tipo de aprofundamento desta dimensão ao longo de suas obras. Adiciona-se a isto o fato de sua estilística – isto é, o caráter aforístico e fragmentário de suas reflexões – ser sobremaneira refratária a projetos analíticos, afastando-o de uma leitura sistemática pautada por balizas econômicas. Finalmente, não podemos deixar de mencionar a série de intérpretes, continuidades e aplicadores de sua obra. Embora salutar, essa multiplicidade de leituras adiciona ruído e amplifica (ainda mais) a cisão de polarizadas interpretações de McLuhan, encharcando sua figura

de mais uma camada de polêmica e distanciando-o ainda mais de uma proposta de pesquisas econômicas concreta.

Tendo em vista esta tripla complexidade (bem como o escopo limitado da presente publicação), optamos por uma saída tática: trabalhar sobre uma narrativa mestra, aderindo a uma posição interpretativa específica. Se McLuhan é uma figura múltipla, nada mais acertado do que eleger um guia suficientemente hábil para navegar pelas ambivalências do guru da Comunicação. A opção que aqui fazemos é por Gary Genosko. Ao longo de ao menos três artigos, discutiremos a maneira pela qual este intérprete acolheu, aceitou e, em grande medida, *amplificou* o caráter plástico do projeto mcluhaniano.

Autor de uma extensa bibliografia, Genosko foi um dos grandes responsáveis pela chamada ressurreição intelectual de McLuhan nos anos 1990, isto é, a transposição e reatualização de teorias comunicacionais dos anos 1950 e 1960 (quando do advento da televisão) para os tempos da internet. É justamente sobre essa empreitada intelectual que queremos nos debruçar. Longe de se tratar de uma

narrativa linear, veremos como a saga de morte e ressurreição de McLuhan transcorre em diversos atos. Genosko será mais do que mero narrador nesta jornada, dado seu papel ativo no prosseguimento do edifício intelectual de McLuhan, ainda que, como veremos, com grandes particularidades.

1 McLuhan: "Ame-o ou Deixe-o"

Seja pela proposição de inovações teóricas ou conceitos à frente de seu tempo, seja pela aura midiática emanada de sua presença em debates, entrevistas e comunicações públicas ao longo dos anos 1960, seja ainda pela reverberação mística/new age de sua obra ao longo dos anos 70 e 80¹, não importa: Marshall McLuhan é um autor sobre o qual não faltam – e, quero crer, nunca faltarão – reflexões e antologias. Fugiria ao escopo do presente artigo elencar as diversas leituras, desleitura, críticas e reincorporações propostas sobre o autor que dedicou uma vida ao estudo da ecologia midiática.² Do início de sua carreira até os dias de hoje, McLuhan sedimentou um campo de estudos aberto a novas explorações e exposto a pesadas críticas.

Revolucionário, profeta, guru, mas também *reacionário, charlatão e imbecil*: eis alguns dos distintos adjetivos aplicados ao pensador canadense (Cf. GENOSKO, 1999, p.7-12). Elogios, ataques e desconfianças para com o autor de *A Noiva Mecânica* (1951), *A Galáxia Gutemberg* (1962), *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (1964) e *O Meio é a Mensagem* (1967) – para citar apenas as obras mais populares – ganharam colorações diversas, variando ao longo do espectro político dos intérpretes de sua obra. Mais acertada ainda é a afirmação de Janara Sousa e Elen Geraldês de que a exegese de McLuhan raramente é nuançada: onde quer que seu nome apareça, quase sempre vemo-lo apresentado numa chave dicotômica ou mesmo maniqueísta.³ Não por acaso, as autoras propõem uma interessante analogia da recepção do autor ao bordão ufanista: “McLuhan: ame-o ou deixe-o” (SOUSA; GERALDES, 2013, p. 99-105).

A referência se torna ainda mais pertinente se levarmos em conta a cisão do meio intelectual global quando da produção das teorias de McLuhan. O contexto, como bem se sabe, era o da Guerra Fria, de radicalização dos campos artístico e intelectual e de acirradas disputas no contexto das chamadas guerras culturais. Não demorou para que as heterodoxas leituras do teórico (católico) canadense sobre os fenômenos comunicacionais do período (como, por exemplo, as

potencialidades criativas da televisão) fossem taxadas de alienadas e alienantes. McLuhan foi acusado de (e recusado por) ser considerado um intelectual inocente (ou incapaz) de lidar com o componente político do universo midiático/cultural/artístico (Cf. KATZ; KATZ, 2008, p.111). A crítica recorrente (sobretudo a de esquerda) é de que teríamos um autor desinteressado – ou, pior ainda, desastrosamente incapaz – de incorporar o trato político ao campo de estudos das mídias.⁴

Em certos casos, o teórico foi apresentado em tons verdadeiramente bufônicos, retratado como um idólatra néscio das mídias massificadas, um entusiasta deslumbrado pelos volteios fantasiosos de seu próprio objeto de estudo, ou, em última análise, um apologeta do capitalismo e de sua ideologia autorreferente (Cf. FARO, 2004, p. 63). Guy Debord, célebre situacionista francês autor de *Sociedade do Espetáculo*, não poupou o pensador canadense de severas críticas, taxando-o de “primeiro apologista [da sociedade] do espetáculo e o mais convencido imbecil do século” (GENOSKO, 1999, p.13).

A avaliação de Katz e Katz é mais amena, embora também eles apontem a existência de um inequívoco bloqueio (ideológico?) em McLuhan, muito provavelmente advindo do que eles chamam de reificação ou inflação da “mono-causalidade das mídias” dentro de

seu edifício analítico (*Idem*, 2008, p.100)⁵. Esta visão é secundada por Arthur Kröker quando de sua afirmação que há sérias *deficiências materialistas* na obra de McLuhan e que este seria o maior de seus pontos cegos (apud GENOSKO, 1999, p. 24). Podemos nos perguntar, obviamente, se este seria um ponto cego ou uma cegueira consciente.⁶ Seja como for, julgo ser ponto mais que pacífico que categorias caras aos intérpretes marxistas da cultura – como *ideologia, interpelação, disputa hegemônica*, mas também *reificação* ou mesmo as variantes mais críticas (i.e., frankfurtianas) do conceito de indústria cultural (apenas para citar algumas) – passem longe do espectro de preocupações mcluhanianas.

Nenhum desses pontos passa despercebido a Genosko. Também ele reconhece a ausência de uma sistemática “Economia Política da Tecnologia” na prosa do autor (*Idem*). Sua avaliação está uníssona à dos demais comentadores no que diz respeito à falta de alinhamento de McLuhan ao pensamento econômico e cultural de matiz marxista dos anos 1960. Genosko propõe, porém, uma curiosa inversão argumentativa: a incompatibilidade entre McLuhan e o pensamento marxista adviria não de uma deficiência daquele, mas sim deste. Em outras palavras, se McLuhan está desalinhado às leituras materialistas marxistas é porque estas estão *incompletas* ou *defasadas* em relação ao momento analisado por McLuhan.⁷

Aqui já se delineiam contornos para o entendimento da grande narrativa de nossa série sobre pensadores canadenses – a defesa de uma espécie de ‘materialismo amplificado’, englobante da dimensão ideacional e comunicacional. Grosso modo, o ponto de McLuhan (e de Genosko) envolve a aceitação não apenas da existência de mutações endógenas ao desenvolvimento capitalista. Curiosamente, este argumento poderia ser lido como *ultra-marxista*. Isso porque as mutações da estrutura produtiva dos meios de comunicação engendrariam mutações interpretativas radicais, a ponto de nulificar ou *implodir* as balizas de entendimento preexistentes (GENOSKO, 2012, Cap. 4).

2 Gary Genosko: Simplificação Aberrante

Como McLuhan, Gary Genosko é uma figura peculiar no ecossistema intelectual canadense. Sua formação deu-se no campo da Filosofia. Graduou-se na Universidade de Toronto e realizou seu mestrado na Universidade de Alberta. Migrou, em seguida, para a Universidade de York, onde se doutorou em Pensamento Social (ILIADIS, 2012). Seu retorno a Ontario permitiu-lhe contato com duas figuras centrais da agenda Mcluhaniana: Derrick de Kerchove e Paul Bouissac. Em entrevista concedida a Andrew Iliadis, Genosko destaca o papel fundamental dos seminários sobre Surrealismo organizados pelo pri-

meiro e o interesse do segundo na Semiótica, domínio do saber em franca efervescência durante os anos 1970 e 1980 (*Idem*).⁸

Foi justamente no campo dos estudos dos *signos* que o autor mais investiu suas energias e esforços intelectuais.⁹ Na condição de editor do *Semiotic Review of Books*, foi um ativo consolidador da agenda semiótica no contexto anglofônico. Publicou mais de 20 livros e obteve um sem-número de prêmios, bolsas e subvenções. A conquista da Cátedra (*Research Chair*) em *Tecnoculturas*, auferida pelo Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas (SSRCH, órgão de financiamento nacional) entre os anos de 2002 e 2012, pode ser considerada um dos mais importantes reconhecimentos do autor (*Idem*). Para além da academia, adicionam-se atividades como empreendedor, editor, e contribuições ao debate cultural, midiático e digital canadense.

Entusiasta evangelista de inovações teóricas e tecnológicas, Genosko redigiu obras que oscilam entre o academicismo e a exploração. Seus livros, artigos e entrevistas fazem tanto sentido dentro um seminário acadêmico, ao longo das páginas de um fanzine contracultural ou nas paredes de uma galeria de arte contemporânea. Suas perambulações por exposições e intervenções artísticas nos circuitos alternativos permitiram-lhe uma intimidade ímpar com figuras e tendências estéticas dos anos

1980 e 1990. Do ponto de vista temático, suas reflexões pulsionam, ora ampliando-se, ora retraindo-se. Vemo-lo, por vezes, expandindo seu ferramental analítico trazendo ao público as obras de figuras como Louis Hjemstev, Raphael Forshay ou o pintor David Wojnarowicz. Noutros casos, registra-se uma espécie de eterno retornando a um seletivo grupo de figuras canônicas: Marcel Mauss, Jean Baudrillard e – de certo modo, acima de todos – Félix Guattari.

A vastidão de sua obra intimida, ou melhor, *impede*, que um leitor consiga compor uma visão totalizante. Este parece ser, contudo, um efeito proposital e, de certo modo, uma manifestação do próprio projeto *a-semiótico* por ele defendido. Retornaremos a este tema no devido tempo. Cabe, por ora, indicar a inexistência de uma maneira correta ou linear de penetrar a obra de Gary Genosko. Ele mesmo nos convida a ver seus livros como “caixas de ferramentas. Eles ajudam a resolver problemas, a responder a perguntas, a fazer as perguntas certas. Eles podem ser lidos de qualquer maneira que se queira inventar” (*Idem*).

3 Mass-Media: Felizes Iguais ou Tristes à Sua Maneira?

Seguindo assim a recomendação do próprio Genosko, tratemos usar sua obra para refinar nossas questões de pesquisa. Podemos, como tantos outros, nos perguntar

em que medida o pensamento de McLuhan é, na atual conjuntura econômica, política, midiática etc. relevante (Cf. CIASTELLARDI *et al.*, 2011). Parece-nos mais pertinente, contudo, apresentar esta questão de uma maneira ligeiramente distinta: em que medida o “Segundo McLuhan” é distinto do primeiro? A resposta a esta questão não virá de imediato, posto que trabalharemos com o tema ao longo de uma série de artigos.

Por ora, tratemos de entender: (i) *Em que medida as formulações originais sobre as mídias massificadas (e seus distintos efeitos sociais, psicológicos, somáticos etc.) são válidas e pertinentes de modo contínuo?* (ii) *Alternativamente, em que medida tais posições precisam ser alteradas, revisitadas, corrigidas, reformuladas etc. Devemos entender que as mídias massificadas (mass media) de “primeira geração” (cinema, rádio, publicidade), aquelas dos anos 1950/1960 (televisão, design etc.) operam de modo semelhante às atuais (plataformas digitais, internet, realidade aumentada etc.)?* (iii) *Por fim (e esta é uma maneira bastante mcluhaniana de abordar o tema), em que medida as novas técnicas comunicacionais reforçam ou nulificam suas versões precedentes?*

Intercruzado por centenas de milhares de decisões técnicas, econômicas, políticas, sociais, o campo da comunicação adquire valência. Ele *se afina, se molda, se antecipa, norteia, reage, se alinha e se reali-*

nha à medida que estas mesmas configurações se alteram. Cada fase do desdobramento histórico do capitalismo traz consigo uma nova estrutura midiática que *revo-ga, suspende ou rescinde* o método cognitivo vigente (Cf. GENOSKO, 1999, Cap. 4).

Nesse sentido, o advento da galáxia eletrônica marca o fim de todo o ecossistema interpretativo antecedente. O importante a se reter aqui é que, para McLuhan, não se trata de uma mera sucessão respeitosa: não há sequência ou continuação, mas sim uma total evaporação. A gênese das mídias elétricas (e, depois destas, eletrônicas) *aniquila* a civilização do livro e da escritura que a precede (*ibidem*, p.30). Implodem-se seus modos de compreensão do mundo e, ponto fundamental, vêm abaixo os próprios argumentos, sentimentos e arranjos desta interpretação de mundo subitamente vencida. Arrebatados ou atordoados, os humanos recorrem a suas figuras pensantes convencionais, mas também estas nada mais são do que “pensadores sonâmbulos” (*Ibidem*, Cap. 2).¹⁰

Como proceder diante desta verdadeira hecatombe cognitiva, isto é, desta terra devastada que emerge a cada mudança de regimes midiáticos? Para Genosko, há ao menos dois caminhos, cada qual envolvendo um posicionamento teórico e político. O primeiro é de repulsa, de apatia ou de deboche. Encontramo-lo, por exemplo, em intérpretes

que se recusam a aceitar ou validar as novas modalidades culturais. Diante de novas mídias que subitamente relativizam a autoridade absoluta do conhecimento anterior, adota-se uma espécie de reacionarismo intelectual. Já o segundo grupo é pautado pela curiosidade e movido pela exploração. McLuhan sem sombra de dúvidas percente ao segundo grupo e, conforme veremos, também aí devemos alocar Gary Genosko.¹¹

Autor de reflexões sobre hacktivismo, mídias alternativas e métodos de difusão contra-hegemônicos, Genosko será, ele próprio, um importante agente de avanço na expansão da fronteira teórica da Comunicação. Esta será obviamente uma jornada marcada por erros e acertos. Assim, veremos em que medida *Baudrillard and Signs: Signification Ablaze* (GENOSKO, 1994) – a obra que lançou seu nome – pode ser lida como uma grande empreitada, uma espécie de *Argonáutica* pelos limites e fissuras da Comunicação, uma epopeia em busca do velocino de ouro da fusão das duas promissoras tradições intelectuais do Ocidente: o Marxismo e a Semiótica. Cinco anos depois, outro capítulo desta espécie de épica pessoal, com o igualmente inovador *McLuhan and Baudrillard: Masters of Implosion* (*Idem*, 1999), uma provocadora proposta de ler o pensador canadense como um *pós-moderno avant la lettre*.

Aqui, portanto, chegamos a uma interessante conclusão à pergunta fundante da presente seção. A diferença entre *o primeiro* e *o segundo* é que este incorpora ao primeiro a riqueza de aportes teóricos dos anos 1970 e 1980. Se o primeiro McLuhan figurava como uma estrela solitária, o segundo é um astro em meio a novas e mais definidas galáxias e aglomerados. O McLuhan renascido, digital, é, de certo modo, igual ao primeiro, modificado, contudo, pelo empuxo de novos seres celestes – incluindo-se aqui o próprio Genosko. Mais do que estrelas ou planetas, veremos que os objetos captados pelos equipamentos são confusos, parciais ou *aberrantes*. Retomemo-los em nossa próxima reflexão.

Referências

- BRAGA, Adriana A. McLuhan entre conceitos e aforismos. **Revista Alceu**. PUC-RJ, v. 12, p. 48-56, 2012.
- CAREY, James W. Marshall McLuhan: genealogy and legacy. In: WATSON, Rita; BLONDHEIM, Menahem (Eds.). **The Toronto School of Communication Theory: interpretations, extensions, applications**. Toronto: University of Toronto Press, 2008, Cap. 3, p. 82-97.
- CASTELLARDI, Matteo; BARROS, Cristina Miranda de Almeida; SCOLARI, Carlos Alberto. (Eds.). **McLuhan Galaxy Conference: understanding media today**. Barcelona. 23-25 Maio, 2011. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya, 2011.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008.
- FARO, J. S. Marshall McLuhan 40 anos depois: a mídia como a lógica de dois tempos. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 6, n. 2, p. 57-66, 2004.
- GENOSKO, Gary. **Baudrillard and signs: signification ablaze**. Routledge, 1994.
- _____. **McLuhan and Baudrillard: masters of implosion**. Routledge, 1999.
- _____. **Remodelling Communication: from WWII to the WWW**. University of Toronto Press, 2012.
- ILIADIS, Andrew. Interview with Gary Genosko. **Figure/Ground**, 25 nov. 2012. Disponível em: <https://figureground.org/interview-with-gary-genosko/>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- KATZ, Ruth; KATZ, Elihu. McLuhan: where did he come from, where did he disappear?. In: WATSON, Rita, BLONDHEIM, Menahem (Eds.) **The Toronto School of Communication Theory: interpretations, extensions, applications**. Menahem (Eds.) Toronto: University of Toronto Press, 2008, Cap. 4, p. 98-113.
- LIMA, Karina Medeiros de. Determinismo tecnológico. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO. Campo Grande /MS – set. 2001.
- NOTH, Winfried (Org.). **Handbook of Semiotics**. Indiana University Press, 1990.
- SOUSA, Janara; GERALDES, Elen. A trajetória do pensamento de McLuhan no contexto da pesquisa em comunicação no Brasil. **Revista FAMECOS**, v. 20, n. 108, 2013.
- 1 Genosko retoma uma matéria jornalística publicada no jornal Toronto Star, onde o colunista Robert Fulford afirma sobre McLuhan que “dos Gurus, sempre recebemos enigmas” (Apud 1994, p.19).
- 2 Há uma verdadeira profusão de obras nacionais que apresentam *ad nauseam* as reflexões de McLuhan no contexto brasileiro. É o caso de Faro (2004) e Braga (2012).
- Duas boas reflexões são propostas em Carey (2008) e Katz e Katz (2008).
- 3 McLuhan está num dos dois polos antagônicos dos estudos culturais/midiáticos dentro do célebre argumento proposto por Eco (2008).
- 4 Para uma apurada discussão sobre o tema, ver Carey (2008, p. 86).
- 5 Para uma discussão crítica à dimensão hiperbólica que as mídias adquirem nas reflexões de McLuhan (e de Innis), ver Lima (2001, p. 99).
- 6 McLuhan seria assim o “perfeito exemplo do que Lukács chamava do burguês contemplativo” (Cf, GENOSKO, 1994, p.78).
- 7 “Tanto para McLuhan quanto para Baudrillard, as categorias de Marx estavam profundamente enraizadas na economia política e, portanto, inadequadas para descrever as sociedades capitalistas contemporâneas (GENOSKO, 1994, p. 78). O tema é retomado pelo autor mais tarde (GENOSKO, 2012, Cap. 4).
- 8 Nas palavras do próprio Genosko, foi graças ao “estudo interdisciplinar do estruturalismo e da semiótica que adentrei no universo dos agrupamentos acadêmicos, primeiro, nos encontros do Círculo de Semiótica, e depois no mundo das estrelas acadêmicas [envolvidas] nas Escolas Internacionais de Verão para Estudos Semióticos e Estruturalistas” (ILIADIS, 2012).
- 9 Para uma apresentação geral da temática, sugerimos a leitura de Noth (1990).
- 10 Sobre o tema, desta vez em uma variante baudrillardiana, ver Genosko (2012, Cap. 4).
- 11 Ele não é, contudo, o único: a primeira grande figura é o crítico literário Roland Barthes. Para uma reflexão entre a relação entre os autores, ver Genosko (1994, Cap. 1).

(* *Graduado em Ciências Econômicas e doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é pesquisador e professor convidado da Universidade de Saint-Boniface, Manitoba, Canadá. (E-mail: jlucchesi@ustboniface.ca).*